UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
LETRAS TRADUÇÃO – ESPANHOL

Hannie Pagliany de Faria Campos

ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E ESPANHOLA DE *HARRY POTTER*

Brasília – DF
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

LETRAS TRADUÇÃO – ESPANHOL

Hannie Pagliany de Faria Campos

ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E ESPANHOLA DE *HARRY POTTER*

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução – Espanhol pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Profª. Drª. Sandra María Pérez López

Brasília – DF

2019

Hannie Pagliany de Faria Campos
Estrangeirização e Domesticação nas Traduções Brasileira e Espanhola de *Harry Potter*
Projeto Final de Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2019.
Orientadora: Profª. Drª. Sandra María Pérez López.

1.Harry Potter. 2. Tradução espanhola. 3. Tradução brasileira. 4. Domesticação. 5. Estrangeirização.

Folha de aprovação

ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E ESPANHOLA DE *HARRY POTTER*

Projeto Final do Curso de Tradução julgado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução – Espanhol.

Área de Concentração: Tradução de Textos Literários.

_____

Hannie Pagliany de Faria Campos

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

_____

Profª. Sandra María Pérez López

(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____

Profª. Lily Martínez Evangelista

Banca Examinadora: _____

Profª. Magali de Lourdes Pedro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, professora Sandra Pérez, por todo o esforço, compreensão, ajuda e ensinamentos compartilhados.

Agradeço a Deus por tudo e pelas bênçãos durante todo o caminho até aqui.

Agradeço também à minha família, amigos e ao meu namorado, pelo apoio e compreensão prestados durante todo este processo de graduação.

RESUMO

O presente projeto visa a analisar comparativamente antropônimos, topônimos e outros vocábulos presentes nas traduções ao português e ao espanhol do livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Como ponto de partida, recorreu-se ao arcabouço teórico fornecido por Torres, sobre a tradução de *best-sellers*, e de Schleiermacher, Venuti e Berman, sobre estrangeirização e domesticação. A partir dessas reflexões, realizou-se uma seleção e interpretação da relevância dos elementos objetos de estudo, numa pesquisa qualitativa do *corpus* em análise, feita por meio de comparação entre tabelas com os vocábulos escolhidos em inglês, português e espanhol. Este trabalho conclui que a tradução espanhola estrangeirizou mais os vocábulos estudados, enquanto a brasileira procurou adaptá-los, sem que pareça ter havido, contudo, em nenhuma das duas, problemas com os leitores, pois ambas devem ter conseguido entender e participar do universo ficcional de *Harry Potter* normalmente, conforme apontam as vendas do volume em ambos os países.

Palavras-chave: *Harry Potter*; tradução espanhola; tradução brasileira; domesticação; estrangeirização.

RESUMEN

Este proyecto tiene como objetivo analizar comparativamente antropónimos, topónimos y otras palabras presentes en las traducciones portuguesa y española del libro *Harry Potter y la Cámara de los Secretos*. Como punto de partida, utilizamos el marco teórico proporcionado por Torres sobre la traducción de *best-sellers*, y Schleiermacher, Venuti y Berman, sobre la extranjerización y la domesticación. A partir de estas reflexiones, realizamos una selección e interpretación de la relevancia de los elementos objeto de estudio, para una investigación cualitativa del *corpus* en análisis mediante la comparación de tablas con las palabras elegidas en inglés, portugués y español. Este documento concluye que la traducción al español extranjerizó más las palabras estudiadas, mientras que la traducción brasileña trató de adaptarlas, aunque parece no haber problemas con los lectores, ya que ambas deben haber podido entender y participar normalmente en el universo ficticio de *Harry Potter*, como señalan las ventas del volumen en los dos países.

Palabras clave: *Harry Potter*; traducción española; traducción brasileña; domesticación; extranjerización.

SUMÁRIO

Introdução.....p.08

Capítulo 1: *Best-Sellers* e literatura infanto-juvenil: dois contextos tradutórios que privilegiam a domesticação?.....p.12

1.1 Problematizando a tradução de *best-sellers*: o caso de *Harry Potter*.....p.13

1.2 A tradução de literatura infanto-juvenil: qual o público-alvo?.....p.14

1.3 Estrangeirização e domesticação: entre os Estudos da Tradução e *Harry Potter*.....p.18

Capítulo 2: *Harry Potter* nas traduções brasileira e espanhola: entre domesticação e estrangeirização.....p.22

2.1 Fortuna tradutória de *Harry Potter* no Brasil e na Espanha: os agentes e suas perspectivas.....p.22

2.2 Discutindo estrangeirização e domesticação: um recorte das traduções brasileira e espanhola de *Harry Potter e a Câmara Secreta*.....p.25

2.2.1 Nomes das casas e dos fundadores de Hogwarts p.26

2.2.2 Outros antropônimos de personagens do volume.....p.28

2.2.3 Alguns topônimos e outros vocábulos específicos.....p.31

Considerações Finais.....p.33

Referências.....p.35

INTRODUÇÃO

> Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro (ROWLING, 2017, p. 71).

O fragmento acima, retirado do segundo livro da saga que será alvo de análise neste trabalho – *Harry Potter e a Câmara Secreta* –, retrata uma cena que ilustra o estranhamento que pode produzir o acesso a um contexto cultural novo, seja por parte do leitor, seja pelas próprias personagens, membros do universo ficcional configurado em uma obra literária. No segmento acima, o coletivo dos "bruxos" que constitui o cerne dos volumes em foco é organizado por meio do recurso aos vocábulos "trouxa", "sangue ruim" e "sangue puro", adaptados, respectivamente, do original em inglês "*muggle*", "*mudblood*" e "*pureblood*". Essa tríade agrupa os componentes da sociedade ficcional em duas seções – bruxos (com pedigree nobre ou não) e não bruxos.

Assim, nos volumes da série *Harry Potter*, "trouxa" é o vocábulo usado por bruxos para descrever pessoas que não possuem poderes mágicos. No entanto, no Brasil, é apenas um nome habitual usado para apelidar pessoas que são consideradas "bobas", conforme aponta o dicionário Aulete, onde encontramos duas acepções para o vocábulo em questão:

> 2.gír: que é fácil de enganar;
> 3. Pessoa que se pode enganar facilmente, otário.

Atualmente, "trouxa" é uma gíria usada constantemente em memes, em um processo de difusão talvez causa, ou quiçá efeito, da sua presença nos livros de *Harry Potter*. E isso é possível com essa, e também com algumas outras palavras – como "sangue ruim", citada acima – por sua tradução ter sido domesticada pela tradutora da série para o Brasil, Lya Wyler, considerada de fundamental importância para o sucesso da obra de Joanne Kathleen Rowling no país.

Sua autora, mais conhecida como Joan Rowling ou J. K. Rowling, nasceu em 31 de julho de 1965 em Yate, Inglaterra. Desde pequena escrevia histórias e as lia para sua irmã. Muitas pessoas de sua infância tornaram-se inspiração para seus personagens, como o diretor da escola que ela frequentava à época, Alfred Dunn, o qual serviu de inspiração para Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, escola de magia e bruxaria que mais tarde tornar-se-ia famosa nos livros de *Harry Potter*.

Rowling se formou em francês e estudos clássicos pela Universidade de Exeter, na Inglaterra. Em 1990 teve a ideia de escrever *Harry Potter* enquanto viajava de trem de Manchester até Londres. Demorou sete anos até que o livro fosse finalmente publicado. Durante esse período, ela perdeu a mãe – Anne Rowling, que lutava contra uma esclerose múltipla; casou-se e, logo depois do nascimento da sua primeira filha, divorciou-se. Passou por dificuldades financeiras até *Harry Potter* começar a dar retorno financeiro. Em 2003 casou-se novamente e teve mais dois filhos. Em 2010, Rowling foi nomeada a mulher mais influente da Grã-Bretanha.

A obra que lhe trouxe fama e que constitui o foco desta pesquisa –*Harry Potter* –, narra a história de Harry, um garoto órfão que que mora com os tios no mundo dos “trouxas”. Aos 11 anos descobre de um jeito um tanto esquisito que é um bruxo. Em função disso, vai estudar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde conhece seus melhores amigos, Ron Weasley e Hermione Granger. A cada ano, Harry enfrenta um desafio diferente, até descobrir que Voldemort, o bruxo das trevas e vilão da história, pretende matá-lo, coisa que não tinha conseguido quando Harry era um bebê, embora tivesse acabado deixando, naquele momento, uma cicatriz na testa do menino.

O caráter de saga que retrata as peripécias da personagem se viu confirmado com a publicação de um segundo volume, lançado em 2 de julho de 1998 pela Bloomsbury Publishing: *Harry Potter e a Câmara Secreta*. A seguir foram lançados mais cinco, totalizando sete volumes até hoje. Ainda que com outros desdobramentos da trama, essas sequências continuam a desenvolver diversos núcleo temáticos que vêm caracterizando a série desde o início: amor (retratado como uma poderosa forma de magia), preconceito, bullying, morte (a principal/mais retratada), vida, corrupção. O gênero é ficção e fantasia.

O viés geral desta pesquisa guarda relação com exemplos como os utilizados para abrir esta introdução: “trouxa”, “sangue bom” e “sangue puro”. Perante soluções tradutórias como as anteriores, a que recorremos a modo de ilustração, esta pesquisa pretende estudar os contornos que assumem os processos de domesticação e estrangeirização na tradução de *Harry Potter*, observando comparativamente escolhas feitas nas edições em português para o Brasil e em espanhol para a Espanha. Tem-se a intenção, nesse sentido, de analisar, de forma descritiva e comparada, a tradução dos vocábulos selecionados – nomes próprios, predominantemente – para observar se houve adaptação ou se continuaram sendo escritos na forma original, em inglês, dentro das respectivas línguas de chegada.

A questão da criatividade nas traduções de *Harry Potter*, com a qual se relaciona indiretamente este trabalho, tem sido alvo de interesse em pesquisas com foco na língua portuguesa de ambos os lados do Atlântico, como ilustram Handley (2018) e Rodrigues (2018). Já no tocante à tradução de nomes próprios, este é um estudo que dialoga de forma implícita com o trabalho de conclusão de curso de Miralles (2016) e, em especial, com a dissertação de mestrado defendida por João Alfredo Ramos Bezerra, na Universidade Federal do Ceará em 2017,acerca da tradução de nomes próprios do primeiro volume da série de *Harry Potter* para o grego antigo. A relevância do trabalho de Bezerra (2017) deriva do fato de existirem poucos estudos sobre onomástica atualmente e, ainda, do próprio objeto, Harry Potter, também pouco estudado. Vale destacar que este Projeto de Conclusão de Curso, como o de Bezerra (2017), embora primeiramente tivesse cogitado trabalhar com a Linguística de *Corpus*, terminou optando por extrair manualmente cada um dos nomes a serem analisados, por não dispor do *corpus* em suporte digital. Já diferente de Bezerra (2017), aqui teve que se reduzir a análise a apenas alguns dos nomes próprios, pois o tempo de pesquisa não permitiria analisar todos os possíveis, conforme realizado por Bezerra (2017).

Assim, essa pesquisa tem por <u>objetivo geral</u> estudar duas traduções – uma em português e outra em espanhol – do original em inglês *Harry Potter and the Chamber of Secrets*.

Já como <u>objetivos específicos</u>, o presente estudo pretende:

a) Problematizar a tradução de *best-sellers* e de obras consideradas como de literatura infanto-juvenil, em relação à sua tendência à domesticação;

b) Analisar comparativamente as soluções adotadas para uma seleção de vocábulos de um dos livros da saga, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, sobretudo antropônimos lá presentes, nas traduções para o Brasil e para a Espanha, a fim de observar se parece haver tendências tradutórias diferentes no que diz respeito à sua domesticação/estrangeirização.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia adotada implica, inicialmente, a seleção e análise do arcabouço teórico utilizado, em especial no concernente à literatura infanto-juvenil e sua tradução, e aos processos de domesticação/estrangeirização na prática tradutória. A seguir, é efetuada a análise dos vocábulos selecionados – isto é, se foi feita adaptação ou estrangeirização – e a comparação entre as três possibilidades – o original em inglês, e as duas traduções estudadas, em português e em espanhol. Finalmente, é redigido o presente trabalho, com elaboração das discussões e considerações finais às quais se tenha conseguido chegar após as reflexões realizadas.

No tocante à organização concreta deste Projeto Final, no seu primeiro capítulo é feita uma contextualização da saga *Harry Potter* e de sua escritora, assim como dos respectivos tradutores, observando a fortuna tradutória dos volumes em questão e sua inserção dentro da categoria dos *best-sellers* e da literatura infanto-juvenil, além da importância das dinâmicas da domesticação nesses contextos. Já no capítulo 2, é efetuado um levantamento e análise dos vocábulos selecionados para o estudo, em uma comparação entre as traduções e o original, destacando as reflexões sobre a problemática teórica apresentada no capítulo anterior.

Assim, damos início ao presente trabalho, retratando, em um primeiro momento, como a vendagem de *Harry Potter* fez dele não apenas um *best-seller*, mas todo um nome de marca.

CAPÍTULO 1:

BEST-SELLERS E LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DOIS CONTEXTOS TRADUTÓRIOS QUE PRIVILEGIAM A DOMESTICAÇÃO?

Conforme anunciado, este primeiro capítulo tem início retratando brevemente o espetacular percurso de *Harry Potter* desde seus primeiros passos, que fez dele tanto um autêntico *bestseller* pela sua vendagem, quanto um volume marcado por ter recebido uma boa quantidade de premiações, indicativo do reconhecimento que tem merecido, pelo menos no tocante ao seu sucesso editorial.

O primeiro manuscrito de *Harry Potter* foi finalizado em 1995, mas demorou 2 anos, tendo passado por 12 editoras para ser publicado. Inicialmente a Bloomsbury fez a impressão de 1000 cópias e 500 foram distribuídas em bibliotecas. Alguns meses depois veio o primeiro prêmio: Nestle Smarties Book Prize. Depois recebeu mais dois prêmios. Em 1998 houve um leilão nos Estados Unidos para vender os direitos de publicação e a editora vencedora foi a Scholastic Inc., que pagou por eles nada menos que US$ 105.000,00. A sequência de *Harry Potter* gerou outros prêmios e, no quarto livro da saga, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, as vendas bateram o recorde: foram cerca de 372.772 cópias vendidas no dia do lançamento. Nos Estados Unidos foram cerca de 3 milhões de cópias vendidas. O sexto livro, lançado em 2005, teve 9 milhões de cópias vendidas nas primeiras 24 horas. O último e mais aguardado livro da saga foi lançado 2 anos depois, em 2007, e teve recorde de vendas: 11 milhões de cópias no primeiro dia de lançamento. Atualmente, mais de meio bilhão de exemplares foram vendidos no mundo todo. A marca *Harry Potter* tornou-se global e estima-se que vale 15 milhões de dólares. Os livros já foram traduzidos para mais de 80 idiomas e adaptados para o cinema, com direitos autorais comprados pela Warner Bros, em 1998.

1.1 PROBLEMATIZANDO A TRADUÇÃO DE *BEST-SELLERS*: O CASO DE *HARRY POTTER*

No dicionário digital Caldas Aulete encontramos o seguinte significado para o verbete *best-seller*:

> s.m 1. Livro que é grande sucesso de venda.
> 2**.** P.ext. Qualquer produto que seja um sucesso de venda.

Ao relacionar com a tradução, podemos perceber que há um certo deslizamento entre as acepções anteriores. Afinal, um volume traduzido é, sem dúvida, um livro. No entanto, seu caráter secundário em relação ao texto de partida, pelo menos do ponto de vista temporal, tende a imprimir na tradução, da perspectiva do senso comum, um olhar de automatismo, de ausência de criatividade, até certo ponto já inerente à ideia de *best-seller* como produto da indústria cultural. Ao afastar autor e tradutor, essa alegada falta de criatividade marcaria a tradução com um caráter de objetificação próximo do "produto" mencionado na segunda acepção de *best-seller*. Poderia haver, assim, pelo menos para o leitor comum, uma mudança significativa da ideia de *best-seller* nesse contexto, em convergência com a falta de reconhecimento do labor tradutório.

No âmbito dos Estudos da Tradução, as questões levantadas pelas traduções que constituem sucessos de mercado foram analisadas por Torres (2009) em seu texto *Best-sellers em Tradução: O Substrato Cultural Internacional*. Consoante essa pesquisadora, o sucesso de um *best-seller* vai depender da identificação do leitor com as personagens, que evoluem numa problemática social contemporânea. O texto traduzido deve criar um mundo que o leitor (re)conhece, seguindo uma linguagem clara em que haja identificação entre as personagens e o leitor. Nesse sentido, os tradutores de *best-sellers* tentam tratar os diálogos das personagens de forma a descaracterizá-los de suas tipologias originais. Ou seja, eles tentam assimilar esses diálogos de uma forma antropofágica aos valores e costumes da cultura de chegada, para que a cultura retratada no volume se pareça mais com a dos leitores e para que estes se identifiquem mais facilmente com as personagens e a história.

Dessa forma, os *best-sellers* não representariam cultura específica, outra diferente daquela do leitor, pois falariam mais sobre a cultura de chegada do que sobre a de origem em si. No mesmo sentido, os temas abordados geralmente seriam aqueles considerados preocupações humanas “universais”, como a morte, o amor, a religião ou a ajuda ao próximo.

Retomando o anterior, percebe-se que os livros da saga *Harry Potter* se enquadram perfeitamente na concepção de *best-seller* como sucesso estrondoso de vendas que até hoje, mais de 10 anos depois do lançamento do último livro, ainda faz muito sucesso em todo o mundo. No entanto, ao analisar de forma “teórica” os motivos das elevadas vendagens, não há uma certeza pronta.

Harry Potter não é um livro no qual os leitores podem se identificar com a história em si, *ipsis litteris*, pois se trata de uma obra de ficção, por definição distante da realidade de todos. Por outro lado, os leitores podem efetivamente se identificar com os personagens da trama, o que, como trata Torres (2009), é um dos critérios para um livro vir a se tornar um *best-seller*. Os temas específicos da obra também têm traços dos *best-sellers*, em especial, consoante citado na introdução, o amor (que aqui é retratado como uma poderosa forma de magia) e a morte (o tema mais abordado na saga).

Harry Potter, de fato, pode ser enquadrado como literatura fantástica, que, segundo Cruz (2014), surgiu entre os séculos XVIII e XIX, e traz aos leitores temáticas como monstros, coisas sobrenaturais ou fantasmas. No século XX, esses elementos começaram a ser incorporados em produções cotidianas e os livros foram sendo produzidos cada vez mais com esse tipo de temática. Atualmente é um gênero que está em constante mudança. Para que um livro seja considerado fantástico, é necessário que o leitor acredite em seu mundo real, mas fique com certa dúvida ao ver uma explicação entre o natural e o sobrenatural. Para ele, o fantástico ocorre por meio de incertezas e hesitações do leitor, o que Harry Potter provoca em todos os momentos – coisas diferentes do que estamos acostumados.

Assim, ao analisar esses aspectos podemos concluir que é o componente ficcional – e sua tradução– o que mais chama a atenção nos estudos sobre *best-sellers*. Nesse sentido, vale questionar: qual é realmente,

num contexto semelhante, a cultura de partida? Como observar se ocorre uma aproximação da cultura de chegada, ou não, na tradução, visto que o universo de origem é, pelo menos em parte, uma criação literária? E, ainda, todas as traduções abordam a relação entre essa alegada cultura de partida, fictícia, e a sua de chegada?

1.2 A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL: QUAL O PÚBLICO-ALVO?

A literatura infanto-juvenil é um ramo que se dedica especificamente a crianças e adolescentes entre 3 e 15 anos de idade. São livros de histórias diversas, desde ficção até histórias culturais, cuidadosamente elaborados para essa faixa etária. Livros destinados a crianças menores, geralmente entre 3 e 6 anos, também trazem muito apelo visual, pois é o que chama a atenção dos pequenos.

Ao entrar no conceito de tradução, Cecilia Alvstad (2010, p.22-25) observa cinco aspectos como os de maior destaque nesse contexto. São estes:

- Adaptação ao contexto cultural, que seria a adaptação da linguagem e termos para que o público de chegada possa compreender o livro.
- Manipulação ideológica, entendida por Alvstad (2010, p.23) como uma forma de censura. Remete a mudanças feitas para que o texto corresponda com a cultura de chegada.
- Duplo leitorado, entendido como o público-alvo, no sentido de que os volumes de literatura infanto-juvenil devem atender tanto o interesse das crianças como também dos adultos, visto que são eles que irão efetuar a compra da obra e a farão chegar até as crianças.
- Presença de componentes da oralidade, relacionada ao modo lúdico com o qual a obra vai interagir e chamar a atenção dos seus leitores. Como exemplos, temos ritmo, rimas e jogo de palavras.
- Convivência de texto e imagem, correspondentes ao código verbal e visual da obra.

A principal diferença entre literatura infantil e adulta é o público a que se destina; sendo assim, parece óbvio que o tradutor deve se atentar sempre às peculiaridades de cada faixa etária. No entanto, implícito a essas diferenças está uma categoria – “a infância” – que, para além de diferenças potenciais que possam aparecer em sujeitos distintos, também é um produto cultural. Assim, mais uma vez recorrendo ao dicionário, temos as seguintes definições para a palavra “infância”:

> sf.
>
> 1. Período da vida humana que vai do nascimento à adolescência (amigo de infância);
> 2. Jur. Período da vida definido, legalmente, como aquele que vai desde o nascimento até os 12 anos, quando começa a adolescência;
> 3.A totalidade das crianças de um lugar, de uma época etc.

De fato, ao tentarmos compreender as ideias de criança e sua infância, é necessário que se faça uma breve análise da concepção desses termos ao longo dos tempos. Durante o século XVII, a infância era algo inexistente, visto que as crianças eram vistas e tratadas como seres independentes e inseridas no mundo dos adultos, sendo praticamente uma distração para eles, algo divertido. Nesse sentido, Pereira (2013, p. 43), citando outros autores, diz o seguinte:

> Ariès identifica a ausência de um sentimento da infância até o fim do século XVII, quando teria se iniciado uma mudança considerável. Por um lado, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação; a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, passando a viver uma espécie de quarentena na escola. Por outro, esta separação ocorreu com a cumplicidade sentimental da família, que passou a se tornar um lugar de afeição necessária entre pais e filhos.

O autor destaca a importância do papel das instituições educacionais, a partir do século XVIII, na geração da ideia de infância, que primeiro foi desenvolvida pela escola e logo depois passou a ser “aceita” pelos familiares das crianças e, então, pela sociedade. Desde então, contudo, não se chegou num conceito definido do que seria a infância, pois, embora vários estudos tenham trazido seu conceito, nenhum deles foi adotado uniformemente como o

correto e validado em termos gerais. Assim, por exemplo, Kuhlmann Jr. (2007) aponta que a infância seria um período único na vida de cada indivíduo, cheia de privilégios, direitos e deveres. Entende-se, então, que cada pesquisador, em relação ainda à cultura em que está inserido, tem sua própria maneira de definir a infância, de acordo com seus costumes.

Além de variável conforme os distintos pensadores, a ideia de infância é, portanto, uma concepção que não existiu sempre e que foi constituída ao longo dos tempos, criada por adultos que muitas vezes podem não concordar com o significado de tal palavra, em especial do ponto de vista dos sujeitos por ela retratados.

Desse ponto de vista, um olhar mais respeitoso com a totalidade do humano deveria considerar que a criança, além de sujeito de direito, é também produtora de cultura e agente ativo em suas relações sociais. Neste ponto, podemos ressaltar a importância da internet na vida e educação das crianças na contemporaneidade. Com essa ferramenta na mão, elas podem descobrir um mundo de coisas novas, estudar outra língua e aprender sobre diversas culturas. Essa ferramenta até as prepara melhor para um mercado de trabalho futuro, mesmo se constatado que um fator como esse, infelizmente em pleno século XXI, ainda não é acessível a todos. Na África, por exemplo, cerca de 60% da população não tem acesso à internet, o que prejudica a aprendizagem e o desenvolvimento de uma elevada percentagem das crianças daquele continente e a internet é uma das ferramentas de acesso ao nome de marca Harry Potter.

É em um contexto como esse – de reconhecimento da identidade e de empoderamento de crianças, em relação ao qual a sociedade da informação tem importância notável – que a autora da saga *Harry Potter* a concebeu e teve a intenção de publicá-la como um livro infanto-juvenil, tanto que apareceu em uma editora de livros infanto-juvenis: a Bloomsburry Children's Books. Assim, a princípio *Harry Potter* se enquadra como literatura infanto-juvenil. Contudo, pode-se observar que há traços de literatura adulta em suas obras. Nos últimos livros acontecem cenas pesadas, que não seriam adequadas para crianças menores de 12 anos, por exemplo. Podemos observar esse fenômeno também pela censura dos filmes (entre 10 e 14 anos). Os três primeiros filmes têm

censura livre no Brasil; já o 4º, 5º e 6º têm censura de 10 anos; o 7º tem censura de 14 anos e o 8º, de 12 anos.

Em entrevista, Lia Wyler[1] diz sobre como é traduzir literatura infanto-juvenil:

> Ser capaz de trazer à luz a criança que existe dentro de todos nós. Imaginar-se sentindo, falando e agindo como cada um dos personagens, imaginar-se má, boa, ressentida, entusiasmada, curiosa, enfim, ser capaz de se colocar no lugar do outro ficcional e produzir um texto tão verossímil quanto o original estrangeiro.

Lia Wyler foi a tradutora dos sete volumes da saga *Harry Potter*, nos quais podemos perceber uma certa tendência à domesticação, pois no universo *de Harry Potter* muitos vocábulos foram criados pela autora, o que dificultaria sua tradução, visto que poderiam ser tratados como intraduzíveis; porém, não foi o que ocorreu. Lia mergulhou no universo de *Harry Potter* para conseguir trazer para o leitor brasileiro uma solução o mais próxima possível do original e da nossa cultura também. Mas não se exclui o uso da estrangeirização em boa parte do texto, principalmente tratando-se de termos em latim e nomes de personagens. Assim, por exemplo, no tratamento aos fundadores da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts (existe um momento específico no livro onde o professor Binns trata dos fundadores de Hogwarts) os nomes não são traduzidos, permanecendo na tradução como no original.

1.3 ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO: ENTRE OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E *HARRY POTTER*

Toda tradução envolve primeiramente um contexto de interpretação. É necessário, portanto, que a tradução de qualquer texto seja feita com certa cautela, para que chegue ao leitor o mais próximo possível da mensagem original. Falando sobre este ponto, temos duas formas de tradução que abordaremos a seguir, no tocante à tentativa de aproximação das soluções tradutórias ao contexto cultural de chegada ou de partida: a domesticação e a estrangeirização.

---

[1] Link da entrevista: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79809-5856,00.html. Acesso em 20/11/2019.

Na história dos Estudos da Tradução, vários estudiosos e pesquisadores já estudaram e discutiram as dicotomias e taxonomias diversas que caracterizam o campo. Em relação às questões em estudo, vale destacar Schleiermarcher, um teórico e tradutor alemão que traduziu obras de Platão e escreveu "Sobre os diferentes métodos de traduzir", em 1813, em que aborda algumas dicotomias da tradução, dentre elas a domesticação e estrangeirização, sobre as quais discorre. Seu ponto de vista não inclui uma rejeição por nenhuma das duas possibilidades, não sendo, contudo, favorável a aceitar o convívio de ambas na mesma tradução, o que deixa claro em seu texto.

> Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente (SCHLEIERMACHER, 2007, p.242).

Em contrapartida, o teórico norte-americano Lawrence Venuti acredita que a domesticação não é a melhor forma de repassar a mensagem para outra língua. Mesmo apontando que a tradução tem uma necessidade de interpretação e, em algum momento, de domesticação, entende que tal modalidade é indesejável por antiética. Assim:

> Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism andracism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations (VENUTI, 1995, apud SNELL-HORNBY, p.193).

Essa mesma predileção pela estrangeirização se encontra no teórico francês Antoine Berman, que defende que a tradução tem dois modos: literal e não literal. Aquele seria a tradução à letra, modalidade na qual a ordem seria palavra por palavra e estaria bem aparente. Em sua obra "O outro enquanto

outro", deixa clara sua preferência por estrangeirizar, a fim de criar a estranheza do texto estrangeiro que o leitor necessita receber.

> O objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à letra da obra. [...] Ser “fiel” a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o “espírito” do contrato. Ser fiel ao “espírito” de um texto é uma contradição em si (BERMAN, 2007, p.70).

Com efeito, a domesticação é um procedimento adotado pelos tradutores em alguns casos, como quando alguma palavra é intraduzível por um equivalente na língua de chegada. Trata-se de contextos como aqueles em que o leitor não conseguiria interpretar uma palavra determinada, pois, por exemplo, remete para uma fruta que não existe e não é conhecida no seu país. Geralmente os termos que mais são adaptados são comidas, mitologia, folclore, costumes e hábitos, e referências históricas. Esse processo também é chamado de adaptação e consiste na adequação de uma marca cultural à língua de chegada, com a manutenção de algum aspecto do sentido original. Conforme se viu, já para o teórico norte-americano Lawrence Venuti a domesticação seria uma forma “impura” de traduzir, pois essa modalidade mascara a violência etnocêntrica que sofre a tradução.

A estrangeirização, por sua vez, é o movimento oposto. Ocorre quando o tradutor opta por deixar um termo escrito como no original, em ocasiões em que o profissional pode alegar que não há palavra equivalente ou, também, que pode haver uma perda de sentido se outra marca cultural, esta doméstica, for usada para ocupar o lugar da marca estrangeira. É o que costuma acontecer com os nomes próprios. Como já foi dito, Venuti defende a estrangeirização, porque impediria que a violência de uma cultura sobre outra fosse mascarada, como acreditava ocorrer na domesticação:

> Quero sugerir que, na medida em que a tradução estrangeirizante busca conter a violência etnocêntrica da tradução, é altamente desejável hoje em dia uma intervenção cultural estratégica na atual conjuntura internacional [...]. A tradução estrangeirizante em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, contra o narcisismo e o imperialismo culturais, em favor de relações geopolíticas democráticas (VENUTI, 1995, apud FRANCISCO, 2014, p. 93).

Por mais que haja tal dicotomia (e tantas outras também como tradução literal x tradução livre), percebe-se que há sim um conflito, mas que, perante a complexidade tradutória que um tradutor pode ter que defrontar, pode ser quase impossível que se escolha usar só estrangeirização ou só domesticação. Na maioria das vezes, até certo ponto os tradutores optam por mesclar as duas modalidades, trazendo um texto interpretável pelo leitor de chegada, mas mantendo elementos da cultura de partida, considerados relevantes por algum motivo.

Dentro da problemática apresentada, o presente trabalho se debruçará sobre a comparação de como ocorrem a domesticação e a estrangeirização no *corpus* analisado, apresentada no próximo capítulo, implicando a observação e discussão relativas a determinados aspectos concretos nas duas traduções de *Harry Potter* aqui em foco.

CAPÍTULO 2:

HARRY POTTER NAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E ESPANHOLA: ENTRE DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO

Este segundo capítulo volta sua atenção especificamente para a apresentação de informações sobre as duas traduções aqui analisadas, no relativo a dois aspectos: por um lado, são apresentados com mais detalhe seus autores e, sobretudo, as perspectivas deles no que diz respeito às suas traduções; e, por outro lado, é realizado um estudo comparativo sobre pontos concretos das traduções, na tentativa de observar se parece haver, em alguma das duas, um predomínio na adoção das estratégias de estrangeirização e domesticação, pelo menos nos assuntos abordados.

2.1 FORTUNA TRADUTÓRIA DE *HARRY POTTER* NO BRASIL E NA ESPANHA: OS AGENTES E SUAS PERSPECTIVAS

Como mencionado na introdução, a responsável pela tradução para o mercado brasileiro de todos os sete livros de *Harry Potter* foi Lya Wyler. Ela nasceu em 6 de outubro de 1934 em Ourinhos, São Paulo. Formou-se em Letras pela PUC-Rio e sua tese de mestrado foi sobre a invisibilidade do tradutor. Faleceu em 11 de dezembro de 2018. Seu nome no mercado brasileiro é associado à tradução de obras de autores de língua inglesa, como Henry Miller, Joyce Carol Oates, Margaret Atwood, Gore Vidal, Tom Wolfe, Sylvia Plath e Stephen King.

Já o mercado espanhol adotou uma estratégia diferente, visto terem sido vários os responsáveis pela tradução de *Harry Potter* para esse público leitor. Dentre eles destaca-se Gemma Rovira Ortega, nascida em 1964, em Barcelona. Estudou na Universidade Central de Barcelona e aprendeu inglês no Instituto Britânico da cidade. Além de pela tradução dos três últimos livros da saga *Harry Potter*, seu nome resulta especialmente conhecido pela tradução de outros títulos como: *El niño del pijama de rayas* e *Crónica del asesino de reyes*. No entanto, o livro a ser analisado nesta pesquisa, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, foi traduzido ao espanhol pelos tradutores Adolfo Muñoz

García e Nieves Martín Azofra. Os dois traduziram os volumes de 2 a 4 da saga.

Quando observados comparativamente os autores das traduções para ambos os mercados acima referidos, pode-se observar que, para além da diferença, óbvia, no idioma de chegada, Lia Wyler foi a única responsável pela tradução dos sete volumes para o Brasil, enquanto diversos foram os responsáveis pela tradução dos distintos volumes para a Espanha. Se se reduz o foco para o segundo livro, encontra-se também uma grande diferença de idade entre os tradutores, sendo Lia bem mais velha que o casal espanhol, à época da tradução. Pode-se supor que talvez essa diferença tenha acarretado algum traço específico nas traduções, o qual não parece ter ocorrido, visto que Wyler traduziu todos os volumes da forma mais contemporânea possível, respeitando as normas da língua culta. O mesmo ocorre na tradução espanhola, não havendo traços característicos perceptíveis de forma nítida no tocante a diferenças de idade/tempo.

Em concreto, as traduções da obra *Harry Potter* retratadas neste trabalho foram feitas por Lia Wyler, pelo lado do Brasil, e por Nieves Martín Azofra em parceria com Adolfo Muñoz García, pela Espanha. Wyler traduziu os sete livros da saga sozinha e aparentemente nunca teve problemas com a editora responsável pela sua publicação.

Ao contrário dos tradutores da versão espanhola à época, era mestre em Estudos da Tradução e possuía amplos conhecimentos teóricos acerca do assunto, além da ampla experiência profissional no afazer tradutório, o que pode ter favorecido uma adoção mais consciente e reflexiva sobre a resolução dos problemas de tradução encontrados. Em entrevista à Revista *Época* em 2007, Wyler comentou sobre as dificuldades do tradutor de *Harry Potter* e também sobre sua visibilidade, ponderando, em um pequeno trecho, a complexidade de se discorrer sobre o talento em uma tradução e, portanto, sobre sua avaliação:

> Até hoje ninguém tentou porque não há uma tradução única e genial para um texto estrangeiro. Há variações e coincidências nas traduções feitas por diferentes pessoas que agradam mais a uns e desagradam a outros e isto não significa que cada tradução não apresente rasgos de genialidade que recriem os do autor estrangeiro.

Em concreto, acerca do seu trabalho em Harry Potter, quando o entrevistador perguntou a ela "Como resguardar a alma do autor em uma obra e, ao mesmo tempo, transpô-la para um português que não soe artificial?", ela respondeu que na literatura culta brasileira se espera que o tradutor seja invisível enquanto profissional. O impasse gera-se quando o estilo do autor tem peculiaridades marcadas, colocando o tradutor entre duas alternativas: retirar essas marcas de estilo, e desaparecer, ou tentar recriá-las, e correr o risco de ser visto como tradutor e ser interpelado em função disso. Para Wyler (2007):

> Tornar o texto traduzido fluido, no entanto, não é o tradutor impor o seu estilo pessoal, “domesticar” o texto, distanciando-o de tal forma do original que ele deixe de pertencer à J. K. Rowling. Quanto às construções sofisticadas, elas são perfeitamente traduzíveis para o português, uma língua de extraordinária riqueza a que não faltam palavras para descrever cenários, acontecimentos e diálogos.

“Domesticar” é, assim, atribuído por Wyler a um complexo espaço língua-cultura, pois tanto parece remeter para registro e correção linguísticos, quanto para a solução de elementos culturalmente “novos”, no sentido de criados por Rowling ao conceber o mundo ficcional de *Harry Potter*.

Observando agora os autores da tradução para a Espanha, Adolfo Muñoz García e Nieves Martín Azofra, responsáveis pelo segundo, terceiro e quarto livros da saga, percebe-se que não têm formação em Tradução. Muñoz García nasceu em 1964 e é formado em Letras pela Universitat de Valencia. Martín Azofra, por sua vez, nasceu em 1957 e é formada em Letras Inglês pela Universidade de Salamanca. Mesmo mais jovens do que Wyler, isso não parece ter interferido na questão da linguagem com a qual os livros foram traduzidos.

Em entrevista à revista VASOS COMUNICANTES, os tradutores contaram um pouco da trajetória ao traduzir o livro e também informaram que, quando a editora os chamou para traduzir o segundo volume da saga *Harry Potter,* os dois tinham pouquíssima experiência com traduções. O livro também era pouco conhecido na Espanha à época e os dois tentaram levá-lo da forma mais fiel possível para que as crianças pudessem conhecer e se encantar com o mundo do bruxo.

Em concreto, acerca das dificuldades de traduzir o mundo criado por Rowling, um mundo bem britânico, encontraram problemas diversos na hora de trazer nuances linguístico-culturais para o espanhol, sem "espanholizar" Hogwarts. Além disso, as palavras inventadas pela autora foram difíceis na hora de traduzir, e talvez o fato de desconhecerem os Estudos da Tradução tenha acarretado um aumento em tal dificuldade. Muñoz García e Martín Azofra estavam muito preocupados em traduzir com “pureza” a língua, que nesse caso seria entendida sem a influência do inglês, o qual, como menciona o primeiro, estaria contaminando o espanhol. Eles também citam a censura da palavra "*culo*", que foi trocada pela editora por "*trasero*" em sua tradução. Finalmente, procede destacar que afirmam não saber ao certo o real motivo da sua súbita "demissão" pela editora, pois esta teria comunicado a eles uma semana antes do lançamento do quinto livro que não fariam mais as outras traduções dos volumes seguintes, sem nenhuma explicação concreta.

Encerrada neste momento a apresentação de informações coletadas sobre os distintos tradutores, e tendo percebido após a leitura dos dois volumes uma certa tendência estrangeirizadora na tradução espanhola, enquanto a brasileira tenta manter um equilíbrio entre estrangeirização e domesticação, a seção que se inicia logo a seguir se destinará a observar dimensões pontuais delas, a fim de verificar se se confirma ou não essa intuição. No entanto, antes de prosseguir, ressalvamos desde já que, mesmo com idades e conhecimentos diferentes, temos a certeza de que ambas são traduções muito bem elaboradas por seus respectivos autores, cada qual com sua particularidade e essência, mas as duas repassando brilhantemente a mensagem que Rowling pretendeu comunicar com seus livros.

2.2 DISCUTINDO ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO: UM RECORTE DAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E ESPANHOLA DE *HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA*

A partir da discussão teórica já iniciada anteriormente neste tópico, serão apresentados, ao longo desta seção, alguns vocábulos, na maioria nomes próprios, escolhidos no volume em foco nesta pesquisa e suas devidas traduções para o Brasil e a Espanha. Foram selecionados apenas alguns nelas

existentes, visto que, para analisar todos os existentes no *corpus*, haveria uma demanda mais profunda de estudos e tempo do que a prevista para este Projeto Final.

A apresentação por meio de tabelas comparativas visa a deixar mais clara observação de onde foi aplicada a estrangeirização, a domesticação, ou nenhuma das duas, em cada um dos volumes traduzidos. A seguir alguns exemplos, ordenados por ordem alfabética. Ressalta-se, ainda, que o sombreamento é usado para destacar, nas sucessivas tabelas, as ocorrências de domesticação registradas.

2.2.1. NOMES DAS CASAS E DOS FUNDADORES DE HOGWARTS

A análise se inicia com a discussão das traduções brasileira e espanhola dos nomes dos fundadores da escola, apresentados na tabela à continuação:

ORIGINAL	BRASIL	ESPANHA
Godric Gryffindor (p.158)	Godric Gryffindor	Godric Gryffindor
Helga Hufflepuff (p.158)	Helga Huflepuf	Helga Huflepuf
Rowena Revenclaw (p.158)	Rowena Revenclaw	Rowena Revenclaw
Salazar Slytherin (p.158)	Salazar Slytherin	Salazar Slytherin

Nesta primeira seleção, percebe-se que em nenhum dos casos os antropônimos inseridos nas colunas relativas às duas traduções em estudo mudam em relação aos respectivos originais. Por se tratar de antropônimos, pode-se inferir que os tradutores optaram por mantê-los como no original, pois, de praxe, não se traduzem nomes próprios. No entanto, essa tendência não é geral, porque, como se verá na próxima seção, há alguns casos no volume em estudo em que essa opção foi considerada necessária e de fato adotada, seja

por escolha consciente do tradutor ou por outros fatores, como potenciais lapsos ou problemas de revisão.

Assim, no tratamento explícito dos fundadores da escola enquanto tais, os nomes não são traduzidos, permanecendo como no original nas edições para a Espanha e para o Brasil. No entanto, em outros momentos, ao tratar-se apenas das casas – não dos fundadores –, os nomes foram domesticados na tradução brasileira, o que é curioso à primeira vista. Neste contexto, pode-se inferir que, quando se trata explicitamente de antropônimos, a tradutora, Lia Wyler, preferiu não traduzir. Já ao remeter para as casas da escola, embora também estivessem presentes, não haveria problema nenhum em domesticar os nomes. Na tradução espanhola, por sua vez, os tradutores optaram por também não traduzir os nomes nesse contexto e deixá-los como no original. Vejamos abaixo essas referências:

ORIGINAL	BRASIL	ESPANHA
Gryffindor(p.80)	Grifinória	Gryffindor
Hufflepuff(p.155)	Lufa-Lufa	Hufflepuff
Ravenclaw(p.307)	Corvinal	Ravenclaw
Slytherin(p.81)	Sonserina	Slytherin

Haveria, então, até este ponto, uma certa preferência pela domesticação na tradução brasileira, ainda que condicionada pelo afastamento da leitura dos antropônimos citados como nomes de pessoas, com destaque para sua leitura metafórica como denominações das casas de Hogwarts.

Em concreto, essa tendência é que explica o fato de Ravenclaw ter sido traduzido aqui para o Brasil como Corvinal. “*Raven*” em inglês significa corvo (o símbolo da casa em questão) e assim foi repassado ao português, que remete ao significado original. No mesmo sentido, Slytherinprovém de “*sly*”, que quer dizer dissimulado, malicioso (como alguns membros da casa), e que em português foi adaptado como sonso (Sonserina).

2.2.2. OUTROS ANTROPÔNIMOS DE PERSONAGENS DO VOLUME

Para além dos fundadores da escola, todo um leque de personagens de fato atuantes na obra em foco vê seus nomes mencionados ao longo dela, dentre os quais o do protagonista: Harry Potter. Conforme aparece na tabela a seguir, os antropônimos foram não raro mantidos como no original nas traduções espanhola e brasileira.

ORIGINAL	BRASIL	ESPANHA
Argus Filch (p.124)	Argus Filch	Argus Filch
Dobby (p.12)	Dobby	Dobby
Draco Malfoy (p.30)	Draco Malfoy	Draco Malfoy
Gilderoy Lockhart (p.45)	Gilderoy Lockhart	Gilderoy Lockhart
Harry Potter (p.01)	Harry Potter	Harry Potter
Hermione Granger (p.19)	Hermione Granger	Hermione Granger
Lord Voldemort (p.331)	Lord Voldemort	Lord Voldemort
Minerva McGonagall (p.80)	Minerva McGonagall	Minerva McGonagall
Neville Longbottom (p.89)	Neville Longbottom	Neville Longbottom

Contudo, diferentemente do que acontece nos exemplos anteriores, alguns nomes próprios de pessoas foram adaptados para o Brasil, para a Espanha ou para ambos os públicos-alvo. Uma observação importante é que, na tradução brasileira é habitual, mas não exclusiva, a preferência pela domesticação apenas do primeiro nome, não do sobrenome, este mantido na forma original. O interessante de se notar é que, na tradução espanhola, nenhum primeiro nome foi traduzido para essa língua. Todos mantiveram suas formas originais. Partindo do princípio de que nenhum nome próprio deve ser

traduzido, podemos inferir que os tradutores espanhóis seguiram à risca essa regra.

Em concreto, os nomes em questão e suas traduções aparecem na tabela a seguir:

ORIGINAL	BRASIL	ESPANHA
Severus Snape (p.81)	Severo Snape	Severus Snape
Ron Weasley (p.24)	Rony Weasley	Ron Weasley
Tom Marvolo Riddle (p.331)	Tom Servolo Riddle	Tom Sorvolo Ryddle
Mrs. Norris (p.132)	Madame Nora	Señora Norris
Lucius Malfoy (p.30)	Lúcio Malfoy	Lucius Malfoy
Moaning Myrte (p.193)	Murta que geme	Myrtle La Llorona
Cornelius Fudge (p.263)	Cornélio Fudge	Cornelius Fudge
Ginny Weasley (p.36)	Gina Weasley	Ginny Weasley
Vernon Dursley (p.01)	Válter Dursley	Vernon Dursley
Dudley Dursley (p.01)	Duda Dursley	Dudley Dursley
Rubeus Hagrid (p.19)	Rúbeo Hagrid	Rubeus Hagrid
AlbusDumbledore (p.191)	Alvo Dumbledore	Albus Dumbledore

Neste bloco notamos algumas traduções de nomes estrangeirizadas e outras adaptadas/domesticadas, seja em só uma ou nas duas traduções.

Nos casos anteriores, a domesticação ocorre em ambas as traduções apenas em duas ocasiões. Em primeiro lugar, comenta-se o caso de Tom Marvolo Riddle em inglês, traduzido como Tom Sorvolo Ryddle para a Espanha, e Tom Servolo Ryddle, para o Brasil. Tudo isso para que o sentido não se perdesse, pois nos livros o personagem, agitando a varinha, muda as letras de lugar e forma a seguinte frase no original: "*I am Lord Voldemort*". A

adaptação foi feita para que pudesse ser feito o mesmo jogo de palavras nas duas línguas de chegada, tanto em português ("Eis Lord Voldemort") como em espanhol ("Soy Lord Voldemort").

Já o segundo caso em que há domesticação em ambas as traduções é relativo à personagem Moaning Myrtl. Traduzida ao pé da letra em português (domesticada, então, mas apenas literalmente), em espanhol foi adaptada para La Llorona, o que faz muito sentido, pois a personagem não só geme como também é bem chorona. Pode-se inferir que essa adaptação parece ter sido feita mediante uma referência à lenda de "La llorona", a mais famosa do México, que tem relatos desde o século XVI. Nela, uma mulher traída por seu marido está cheia de fúria e afoga os dois filhos em um lago. Depois se arrepende e acaba morrendo de depressão. Diz a lenda que, nas noites de lua cheia, ela assombrava a vila, chorando e clamando aos céus de arrependimento. Várias versões dessa lenda foram criadas, inclusive com adaptações para o Brasil. Moaning Myrtl e La llorona têm muito em comum, pois ambas são fantasmas e choramingam pelos cantos.

O nome Severus vem do latim e significa severo. Foi mantido em espanhol, mas em português foi traduzido como Severo, retratando a mesma essência da personagem.

Ron, por sua vez, é um caso curioso, visto que no Brasil não é comum encontrarmos muitos Ronys. Parece ter sido uma adaptação feita pela fonética, pois Ron claramente é um nome estrangeirizado, mas quando se diz Rony a sensação de estar dizendo algo em português é maior. Aliás, em espanhol o nome – Ron – coincide com o nome de uma bebida nessa língua, rum, mas, mesmo assim, o nome original foi preservado na tradução.

Alguns antropônimos vieram do latim, como Lucius, Cornelius e Rubeus, com os quais se torna mais fácil fazer a adaptação para duas línguas românicas como o português e o espanhol. Percebe-se que apenas o nome foi adaptado, deixando o sobrenome no original. Lucius significa algo luminoso, pois provém de "*lux*", luz, e pelo cabelo do personagem podemos notar tal luminosidade. Em português o antropônimo em questão virou Lúcio, como traduzido. Já Cornelius deriva de "*cornu*", que significa corno ou chifre, o qual é um símbolo primitivo de força, autoridade; o que faz todo o sentido pois o

personagem é nada menos que o Ministro da Magia. Em português, a tradutora adotou a versão do nome nessa língua –Cornélio.

Rubeus, por sua vez, quer dizer vermelho, igual ao personagem no livro. Também é uma cor o nome do diretor, Albus (branco), e os dois personagens têm relações muito fortes, incluindo laços de amizade. Albus tem cabelos e barba tão brancos quanto seu nome. É fato que a escolha dos nomes não foi em vão. Albus foi traduzido ao português como Alvo, que, embora seja usado como nome comum com outro sentido – ponto a ser atingido – também tem relação com a personagem em si.

2.2.3. ALGUNS TOPÔNIMOS E OUTROS VOCÁBULOS ESPECÍFICOS

Finalmente, acrescentam-se à continuação nomes de lugares e outros vocábulos específicos que aparecem com frequência nos volumes estudados:

ORIGINAL	BRASIL	ESPANHA
Aragog (p.280)	Aragogue	Aragog
Basilisk (p.307)	Basilísco	Basilisco
Chamber of secrets (p.157)	Câmara Secreta	Cámara Secreta / de los secretos
Diagon Alley (p.50)	beco diagonal	Callejón Diagon
Floo powder(p.50)	pó de flu	polvos flu
Flourish and Blotts (p.44)	Floreios e Borrões	Flourish y Blotts
Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry (p.03)	Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts	Colegio Hogwarts de Magia
Howler (p.91)	Berrador	Howler
Mandrake (p.96)	Mandrágora	Mandrágora / mandrágura

Muggle (p.25)	Trouxa	Muggle

Neste bloco de vocábulos percebemos que um número maior de palavras foi domesticado na versão para a Espanha do que aconteceu na seção anterior, mantendo o sentido dos vocábulos em inglês, mas ainda assim há um número considerável de vocábulos que sofreram estrangeirização como Muggle, um dos vocábulos mais importantes e usados da série. De acordo com o dicionário online de Cambridge, "*muggle*" aplica-se a uma pessoa que não possui certo tipo de conhecimento. O termo que Wyler utilizou para ele foi "trouxa", com o sentido de alguém fácil de enganar. Já os tradutores espanhóis optaram por estrangeirizar a palavra.

Aragog, por sua vez, é a junção de dois segmentos: "ara", que remete para aracnídeo, e "gog", que faz referência a um lendário gigante. Tem origem grega. Na saga, trata-se de uma aranha gigante. Ao adaptar o vocábulo ao português, percebe-se que a tradutora inventou uma palavra baseada no original que fizesse sentido, propondo uma ótima solução: Aragogue. Em espanhol, mais uma vez tivemos o exemplo de palavra estrangeirizada.

Howler foi traduzido igualmente ao português, mas a versão espanhola também preferiu estrangeirizar a palavra, deixando-a como o original, como também aconteceu com Flourish and Blotts.

No caso da Mandrágora, ambas as línguas adaptaram. Pode-se inferir que foi pela facilidade de os tradutores já conhecerem a planta e saberem do que se tratava.

Finalmente chegamos ao Muggle, já discutido anteriormente nesta seção e, ainda, citado no início deste estudo. A adaptação ao Brasil foi feita de forma a identificar os não bruxos como pessoas tolas, não provenientes do mundo da magia. Esse vocábulo, por mais que não faça parte da língua culta, se fez presente no texto escrito, embora, intuitivamente, poderíamos pensar ainda em uma adaptação mais próxima da coloquialidade: "os 'trouxa'". Porém, se tivesse sido adotada essa solução, teria se dado um desrespeito à norma padrão da língua portuguesa que deve ter sido percebido como excessivo, o

qual foi evitado pela tradutora brasileira com a presença da marcação do plural em “trouxas”.

Conclui neste ponto o segundo capítulo do presente trabalho, dando-se passagem logo a seguir a breves considerações finais, visando a resumir o percurso traçado ao longo destas páginas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consta na introdução a este Projeto de Conclusão de Curso, o presente trabalho destinou-se a estudar e analisar como ocorrem domesticação e estrangeirização em uma seleção de vocábulos – na maior parte, nomes próprios –, presentes no livro *Harry Potter e a Câmara Secreta*, de J.K. Rowling, atentando-se para nuances que poderiam ser levantadas, quando observadas comparativamente as traduções do volume em questão para a Espanha e para o Brasil.

O desenvolvimento da pesquisa requereu, em um primeiro momento, perpassar contribuições provenientes de dois campos que caracterizam o objeto de estudo: a tradução de *best-sellers* e a de literatura infanto-juvenil.

Conforme foi observado no primeiro capítulo, ambos os contextos acima referidos apontam para uma tendência à domesticação/adaptação, em termos tradutórios. Nesse sentido, a perspectiva comparativa pretendeu problematizar essa tendência geral, observando depoimentos dos tradutores responsáveis pelas traduções para a Espanha e para o Brasil, e, igualmente, contextos concretos nos quais potencialmente ocorreria ou não a domesticação. Para tanto, adotou-se uma metodologia proposta para tal, na qual os vocábulos selecionados foram organizados em tabelas compostas de três colunas, com sombreamento nos pontos em que ocorreu a domesticação, acompanhadas pelas devidas análises e hipóteses atinentes a cada caso.

Após o desenvolvimento da pesquisa, pôde-se concluir que a tradução espanhola utilizou mais da técnica de estrangeirizar, enquanto a brasileira trouxe um universo mais adaptado. Como hipóteses para justificar as duas tendências divergentes, foram apontadas as diferenças na formação dos tradutores responsáveis pelos volumes para a Espanha e para o Brasil, em relação ao seu contato com os Estudos da Tradução. Ambos, no entanto, conseguiram com êxito transmitir a mensagem proposta aos leitores das línguas de chegada, como puderam confirmar as vendagens de ambas as traduções.

Finalmente, fica, desde já sugerida, como desdobramento futuro deste trabalho, a possibilidade de, na esteira de Bezerra (2017), alargar o escopo desta análise à totalidade de nomes próprios do volume estudado ou de outros da série, permitindo, assim, um olhar mais abrangente que possa gerar conclusões mais gerais sobre a estrangeirização/domestição na Espanha e no Brasil, e, ainda, dentro dos contextos da tradução de *best-sellers* e da literatura infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

ALVSTAD, C. “Childrens literature and translation”. In: GAMBIER, Y; DOORSLAER, L. V. **Handbook of Translation Studies**. Vol. 1. John Benjamins: Amsterdam/Filadélfia, 2010.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de janeiro: PGET, 7LETRAS, 2007.

BEZERRA, J. A. R. **Hareios Poter: um estudo descritivo sobre a tradução dos nomes próprios de *Harry Potter and the Philosopher’s Stone* para o grego antigo.** Dissertação de mestrado. Universidade do Ceará, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27556/1/2017_dis_jarbezerra.pdf>. Acesso em 20/11/2019.

CRUZ, A. G. **A literatura fantástica e o incentivo à leitura para jovens e adolescentes.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/351/3/AGCastro.pdf>. Acesso em: 08/12/2019.

FRANCISCO, R. “Estrangeização e domesticação: além de mais uma dicotomia”. In: **Scientia Traductionis**, n. 16, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318868862_Estrangeirizacao_e_domesticacao_indo_alem_de_mais_uma_dicotomia>. Acesso em 20/11/2019.

HANDLEY, R. **Tradução da Criatividade nas Obras de Harry Potter**. Dissertação de mestrado: Universidade de Lisboa, 2018. Disponível em <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36670/1/ulfl255453_tm.pdf>. Acesso em 20/11/2019.

MIRALLES, F. M. M. **Análisis y comparación de las traducciones al castellano y catalán de los nombres propios en la saga Harry Potter de J. K. Rowling.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universitat Autònoma de Barcelona, 2016.

PEREIRA, M. C. “Cultura, infância, criança e cultura infantil: alguns conceitos”. In: **Quaestio**, vol. 15, nº 1. Sorocaba, SP, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjE0IyRwPnlAhWDGLkGHUeXBj8QFjAAegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.uniso.br%2Fojs%2Findex.php%2Fquaestio%2Farticle%2Fdownload%2F1631%2F1548&usg=AOvVaw16Rlg0aysKa3RQrXttWHpb>. Acesso em 20/11/2019.

RODRIGUES, T. P. **Uma análise das criações lexicais mais frequentes na tradução da série Harry Potter para o português brasileiro.** Dissertação de mestrado. UNESP, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155875/rodrigues_tp_me_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em 20/11/2019.

ROWLING, J. K. **Harry Potter and the Philosopher’s Stone.**Londres: Bloomsbury, 1997.

_____. **Harry Potter and the Chamber of Secrets.**Londres: Bloomsbury, 1998.

_____. **Harry Potter y la Cámara Secreta**. Barcelona: Emecé Editores España, S.A, 1999.

_____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Editora ROCCO LTDA, 2017.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. “Sobre os diferentes métodos de traduzir”. In: **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007 (orig. de 1813).

SNELL-HORNBY, M. “A ‘estrangeirização’ de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos estudos da tradução?” In: **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, Jul. /2012.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pg/v15n19/a10v15n19.pdf>. Acesso em 20/11/2019.

TORRES, M. H. C. “Best-sellers em tradução: o substrato cultural internacional”. In: **Alea**, vol. 11, nº 2. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262552669_Bestsellers_em_traducao_O_substrato_cultural_internacional>. Acesso em 20/11/2019.

Páginas web e materiais consultados:

BIOGRAFIA. Disponível em: <https://www.jkrowling.com/>. Acesso em 20/11/2019.

BLOG LAURA TRADUCCION. Entrevista a Nieves Martín Azofra, traductora literária. Disponível em: <https://www.lauratraduccion.com/2019/08/en-estos-articulos-entrevistare-los.html?m=1>. Acesso em 20/11/2019.

COLEÇÃO HARRY POTTER. Direção: vários. Produção: David Heyman, J. K. Rowling. UK: Warner Bros Pictures, 2001-2011, 8 DVDs.

POTTERMORE. “Pottermore from J. K. Rowling”. Disponível em: <https://www.pottermore.com/>. Acesso em 20/11/2019.

VASOS COMUNICANTES. “Entrevista con Adolfo Muñoz García y Nieves Martín Azofra, traductores de Harry Potter”. Pp. 73-76. Disponível em: <https://es.calameo.com/read/000594825e9c2a986271e>. Acesso em 20/11/2019.

WYLER, L. “A Tradução é uma ponte entre duas culturas”. In: **REVISTA ÉPOCA**. Entrevista a Lia Wyler. 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79809-5856,00.html>. Acesso em 20/11/2019.